

Aspectos da cultura indígena nas histórias em quadrinhos paraibanas: Uma análise de Itabira – inimigos e amantes

Marcelo Soares de Lima¹

RESUMO

Nosso estudo propõe a análise da inserção de elementos da cultura indígena nas histórias em quadrinhos paraibanas, tendo como estudo de caso a revista A União em Quadrinhos: Itabira, inimigos e amantes, lançada em agosto de 2000. Objetivamos com esse trabalho fazer um resgate dessa cultura popular e observar como ela é configurada dentro de um meio de comunicação de massa que tradicionalmente declina-se sobre aspectos ligados mais a estereótipos e arquétipos, muitos conectados a uma cultura mais estadunidense.

PALAVRAS-CHAVES

Cultura indígena. Histórias em Quadrinhos. Paraíba.

Aspects of indigenous culture in Paraíba stories in comics: An analysis of Itabira - enemies and lovers

ABSTRACT

Our study proposes to analyze the insertion of elements of indigenous culture in the stories in comics from Paraíba, taking as a case study the magazine A União em Quadrinhos: Itabira, inimigos e amantes, launched in August 2000. We aim to make this work a rescue this popular culture and see how it is set within a medium of mass communication that traditionally declines to about aspects linked more to stereotypes and archetypes, many connected to a more American culture.

KEY-WORDS

Indigenous culture. Comics. Paraíba.

¹ Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pelo PPGC/UFPB.

E-mail: marcelo.soaresdelima@yahoo.com.br

Introdução

O Brasil é um país com grande diversidade étnica. Sua população foi composta essencialmente por três principais grupos: os indígenas, que constituíam a população nativa do país; os portugueses, colonizadores; e os negros, africanos trazidos para o trabalho escravo. Essa miscelânea de visões de mundo e tradições transformou o país em um verdadeiro *caldeirão multicultural*.

Além de conflitos históricos, esse caldeirão influenciou produções culturais dos mais variados tipos, como filmes, livros, programas de televisão, etc., seja na abordagem dos impasses entre os três grupos étnicos citados, impactos de cada um no outro ou somente a busca de compreender melhor algum desses especificamente. Um grupo social que tem sido constantemente resgatado são os índios; historicamente oprimidos, relegados a notas em livros, surgem como protagonistas de suas próprias histórias, com uma visão mais voltada às suas tradições e costumes.

Simm e Bonin (2011, p. 87) destacam que pelo menos nas narrativas literárias os índios têm sido integrados há pelos menos dois séculos.

Basta lembrarmos os clássicos indianistas de José de Alencar – Iracema, O Guarani, ou dos poemas de Gonçalves Dias, compostos no século XIX. Especificamente para um público infantil, Monteiro Lobato escreveu, em 1927, o livro *As aventuras de Hans Staden*, no qual Dona Benta é a narradora.

Contudo, as autoras ressaltam que a temática indígena de fato adquiriu maior expressividade na cena contemporânea, se destacando em muitas produções midiáticas como programas de TV, filmes, documentários, exposições fotográficas e histórias em quadrinhos, entre outros. Tal exposição, aparição na mídia traz consigo uma preocupação bem comum quando falamos de grupos, tribos, nichos comumente marginalizados socialmente: como a mídia representa esses grupos? Quais visões do índio podemos encontrar nessas produções?

É fato que a mídia trabalha na construção de sentidos objetivando uma proximidade de quem assiste com o que é visto, gerando percepções e sensações muitas vezes direcionadas para uma representação do nosso cotidiano. Como afirma Silverstone (2002, p.

20): “ela filtra e molda realidades cotidianas por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária”. O autor ainda destaca a capacidade da mídia de nos convencer de que o que ela representa realmente ocorreu.

Charaudeau (2006, p. 47) aponta que as mídias não trabalham com a realidade, nem muito menos são espelhos dela. O que elas fazem é desenvolver representações construídas a partir de suas necessidades, transformando essa representação no que seria o próprio real.

As representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fosse o real.

Dentro desse contexto, as produções midiáticas contribuem para colocar em circulação alguns significados sobre os povos indígenas, muitas vezes regrados por alguns estereótipos, que serviriam para construir uma imagem facilmente reconhecível desse grupo. Para Simm e Bonin (2011, p. 90) “ao utilizar estereótipos, o que fazemos é manter a representação estável, sempre de um mesmo modo, para ser facilmente apreendida”. As autoras continuam apontando que “o uso do estereótipo impede que sejamos sensíveis ao movimento e ao dinamismo das culturas, de um modo geral, e das culturas indígenas, em particular”.

Para buscar observar como essa representação é realizada, escolhemos como objeto de análise uma mídia de nosso apreço pessoal e com grande caráter comunicativo: as histórias em quadrinhos.

Desenvolvidas inicialmente dentro de jornais impressos no formato de tiras e posteriormente como revistas periódicas, as histórias em quadrinhos sempre buscaram *inspiração* no contexto histórico da sociedade para construir suas histórias e personagens, criando os mais diversos gêneros para dialogar com os variados anseios de seus leitores. Como uma forma de mídia, as HQ também constroem seus discursos a partir de ideologias e são regidas por problemáticas, contradições e finalidades coexistentes em outras mídias, sejam também impressas ou não. No que tange às questões de representabilidade de grupos

sociais, as histórias em quadrinhos não fogem a este esquema. Ainda mais quando tratamos de ficções.

No caso das obras de ficção, é fato que elas se utilizam de uma simulação de coisas que poderiam acontecer, aconteceram ou poderão acontecer. Essas visões sobre a realidade surgem muito ligadas à própria experiência do autor, pesquisas prévias ou suposições baseadas em suas percepções do seu entorno. Guimarães (2002, p. 6) ressalta que para uma obra de ficção conseguir gerar essa sensação de realidade ela necessita de dois requisitos:

Primeiro, a capacidade do autor de criar um universo ficcional verossímil, que convença o espectador de sua possível existência real. E, por outro lado, necessita da cumplicidade do espectador, de sua disposição em ignorar as limitações inerentes à linguagem e à forma de expressão, e aceitar a “realidade” da obra.

Nelas podemos encontrar representações que são também formas de determinada sociedade entender o mundo, ou ainda, de satisfazer as suas necessidades.

Vieira (2008, p. 212) aponta que “as histórias em quadrinhos além de participarem do imaginário do seu público, constituem um importante meio de representação da cultura popular e contemporânea”. Apesar de serem manifestações culturais industrializadas, as HQ são ao mesmo tempo “uma arte – fruto da criatividade e do talento de artistas (roteiristas, desenhistas, coloristas, entre outros) – cujo conteúdo permite interpretações mais profundas e leituras mais sofisticadas” (NETO e SANTOS, 2010, p. 51).

Podemos encontrar a utilização das histórias em quadrinhos nos mais diferentes setores ou atividades humanas, com finalidades de educação e treinamento, de entretenimento, resgate histórico, com fins de divulgação ou publicidade de produtos comerciais. “Essa utilização evidencia a popularidade do meio na sociedade, distinguindo o potencial como um dos mais conhecidos, ainda que nem sempre aceito por todo o público” (RAMOS e VERGUEIRO, 2009, p. 84).

A partir da escolha de mídia, buscamos delimitar a análise em uma obra nacional que trate do universo indígena. Em nossa pesquisa nos deparamos com algumas opções onde destacamos: o *Manual do Índio Papa-capim* de Mauricio de Sousa traz informações sobre a cultura indígena brasileira, contando curiosidades e fatos desse povo. Em *Os Brasileiros* de

André Total as HQ's se passam em momentos e lugares diferentes da história brasileira: do Sudeste nacional do século 16 ao Nordeste invadido por holandeses no século 17, passando por uma estrada no Rio Grande do Sul do século XX. *Paiaguá – Donos do Rio* conta a história do ataque do império português a etnia indígena Paiaguá, que habitava as terras do atual estado de Mato Grosso, a partir da versão dos que não venceram essa batalha. Há ainda *A Turma do Pererê*, de Ziraldo, que conta as travessuras de Pererê, um menino negro inspirado na figura folclórica do Saci, e seus amigos - o índio Tininim, o macaco Alan, a onça Galileu, o jabuti Moacir, a Boneca-de-Piche - na Mata do Fundão.

Após essa pesquisa inicial, nos veio a curiosidade de saber se na Paraíba, nosso estado natal, também encontraríamos exemplos de representações indígenas dentro do meio dos quadrinhos. Assim, encontramos as histórias do índio tabajara *Itabira - Braço de Pedra*, traduzido do tupi para o português - criação do paraibano Emir Ribeiro e seu pai Emilson Ribeiro, em 1975.

O personagem inicia suas aventuras na Paraíba colonial após a morte de seu pai, Itaúna, em batalha contra a tribo inimiga dos Potiguaras. Itabira é preparado pelos melhores guerreiros da tribo e o Conselho de velhos para suceder seu pai, tornando-se o mais forte, valente, sagaz e esperto guerreiro da tribo. Uma figura lendária e temida, até entre os portugueses².

Com tais informações decidimos delimitar nosso estudo em uma das histórias do índio: *Itabira: Inimigos e Amantes*, lançada no suplemento quinzenal *A União Em Quadrinhos*, no ano de 2000. Declinamo-nos sobre a obra em questão por ser um trabalho que diferente de outras publicações mais recentes do personagem foi lançado encartado no *Jornal A União*, periódico local, sendo assim mais acessível, difundido, na sociedade do que em formato de revista encadernada, normalmente dirigida mais a livrarias.

Um índio guerreiro em terras paraibanas

Itabira: Inimigos e Amantes (Fig. 1) mostra o encontro entre o personagem título e a índia potiguara *Janaína*, que gera um interesse romântico em ambos e um confronto entre as

² Fonte: http://www.emirribeiro.com.br/personagem_002.php

tribos tabajara e potiguara. A história tem vinte páginas, em preto e branco, com uma introdução a coleção União em Quadrinhos e um extra ao fim da edição sobre o histórico editorial do personagem principal da revista.

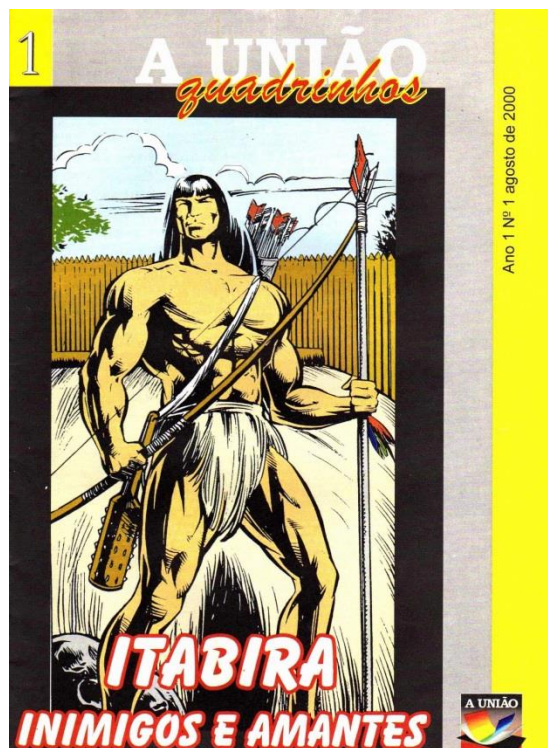


Figura 1: Capa de A União em Quadrinhos #1

Os autores buscam ao longo da revista mostrar alguns costumes e posturas cotidianas dos indígenas, como a caça (fig. 2). Logo no início vemos Itabira e dois amigos em busca de alimento para a aldeia, em seguida o índio encontra a potiguara Janaina, que pede para ele poupar o seu animal de estimação (fig. 3), indicando-o outro da mesma espécie e de maior tamanho.



Figura 2: Itabira e seus colegas indígenas utilizam de conhecimentos da natureza para caçar

Após o retorno a aldeia Itabira se pega pensando na potiguara, assim como Janaina no tabajara (fig. 4). A cena em questão é interessante para a análise, pois expõe bem objetivamente o tipo de *homem*, índio, que atrai Janaina, sendo complementada na cena seguinte (fig. 5) onde temos duas visões opostas dos personagens: o homem buscando não pensar na índia da tribo inimiga, enquanto a mulher ignorando o tradicional conflito entre as tribos em prol do seu interesse por ele.

Tal construção narrativa sugere formas de agir e pensar diferentes entre as fêmeas e os machos indígenas. Este priorizando os costumes, a tribo acima de suas necessidades, enquanto aquela deixando de lado suas necessidades e grupo por conta de um homem. Observando o lado imagético das cenas, percebemos uma inclinação do autor em compor mais cenas onde aparece o corpo inteiro da índia, em contraste a tomadas da cintura para cima de Itabira. Essa escolha denota uma preferência pela exploração do autor com um viés sexual do corpo feminino, seguindo um padrão repetido ao longo dos anos por publicações de histórias em quadrinhos, principalmente do gênero dos super-heróis. Ao qual, aliás, o autor busca inspiração na construção de sua história, colocando Itabira como um guerreiro forte,

que não teme a batalha. O índio chega a ter até um caráter especial em relação a outros índios, mas que não deixa de ter sua nobreza, como relatado pela própria Janaina, o que o leva a vencer seus desafios – assim como são construídos os super-heróis dos quadrinhos.



Figura 3: Itabira encontra com a potiguara Janaina



Figura 4: Janaina descreve as qualidades que um índio deveria ter



Figura 5: Contrapontos de visão entre o masculino e o feminino

No dia seguinte ao encontro com Janaína, Itabira parte a vagar pelas matas buscando encontrar a potiguara novamente. Eles acabam se reencontrando, mas ele também encontra alguns índios inimigos que o fazem de refém e o levam para sua tribo. Nesse momento da revista, podemos encontrar uma representação semelhante ao real da estrutura de uma aldeia indígena (fig. 6), com suas ocas e muros de madeira cercando o acampamento.



Figura 6: Demonstração de tratamento a inimigos pelos potiguaras e aspectos visuais das aldeias



Figura 7: Representação de estrutura das aldeias indígenas

Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia>

Em relação à representação das tradições dos índios, a revista traz dois exemplos bem interessantes. O primeiro relativo ao *cunhã-membira* (de *kunhã*, mulher, + *membira*, cria; = cria de mulher)³ (fig. 8), e o outro referenciando-se a um costume da tribo quanto a seus prisioneiros e uma relação marital com suas índias, e posteriormente o destino a morte nas mãos dos seus carcereiros – e conseqüentemente, o hábito do canibalismo (fig. 9).



Figura 8: Citação a um costume típico dos potiguaras

³ http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf52.html



Figura 9: Nova citação a um costume típico dos potiguaras

Outro exemplo exposto acontece durante a prisão, quando Itabira é submetido a combates com os índios mais fortes da tribo potiguara (fig. 10), inclusive o chefe potiguara, derrotando-os um por um.



Figura 10: demonstração de combate

Após duas luas, ou dois meses, os tabajaras atacam a aldeia potiguara em uma missão de resgate a Itabira e Janaina, nesse momento, grávida do índio. Depois de um embate entre as duas tribos (fig. 12) os tabajaras saem vencedores e Itabira leva a índia potiguara para viver na sua aldeia como sua mulher (fig. 13).



Figura 11: demonstração de combate



Figura 12: Tradição de vencedores levarem “prêmios”

Ao fim, a revista mostra Itabira e Janaína juntos com um *tom* de *felizes para sempre*, muito comum nas narrativas dos contos de fadas (fig. 14), onde vemos a índia exaltando a força e valentia do pai como característica hereditária a ter o seu filho.



Figura 13: Final feliz com esperanças de um filho forte e valente como o pai

. A mídia, como exposto ao longo do nosso trabalho, costumeiramente trabalha com estereótipos, lugares comuns, visões acerca de um assunto ou grupo social que reproduzem discursos anteriores, muitas vezes até arcaicos. As histórias em quadrinhos em sua grande maioria não escapam dessa lógica.

Como coloca Freire (2012), “a imagem do índio ‘autêntico’, reforçada pela escola e pela mídia, é a do índio nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha. Essa imagem ficou congelada por mais de cinco séculos. Qualquer mudança nela provoca estranhamento”.

Assim, a revista analisada apesar de se mostrar como um interessante apanhado histórico que serve para trazer a leigos as relações, vivências, tradições e cultura dos índios paraibanos, levanta questões interessantes a serem pensadas por estudiosos e produtores desse meio. Por que ainda em tempos recentes a imagem preferida de se trabalhar nas histórias em quadrinhos é a do índio colonial, imerso na floresta, intocado pela civilização, em conflito com colonizadores ou, ainda, como subserviente a eles? Não seria interessante também problematizar os conflitos e história contemporânea dos povos indígenas?

Considerações Finais

Apesar de seu roteiro corrido – provavelmente por querer condensar vários fatos e tempo em poucas páginas, sem muito aprofundamento de personagens (personalidades, motivações, desejos, etc), a revista se esforça em transpor para as histórias em quadrinhos o universo indígena com certo grau de fidelidade. No viés de construção de uma personagem indígena, o autor apresenta Itabira como um sujeito unidirecional – preocupado somente com lutas, alimento, forte, praticamente invulnerável, mesmo assim, ele o incrementa, humaniza, ao por no índio uma imagem de alguém apaixonado, até amoroso, e carinhoso com Janaina.

No que tange ao texto escrito, a história peca em utilizar uma linguagem mais da norma culta moderna, sem utilização de formas e mais termos próprios da linguagem indígena. A revista cumpre bem sua proposta de exposição, mesmo que curta e lúdica, de um universo indígena regional histórico, mostrando até uma preocupação mais avançada que os próprios livros didáticos do mesmo período como aponta Mariano (2006, p. 91), que trabalha com livros didáticos produzidos nas décadas de 1990 e 2000. Para ela:

As variadas formas de organização social, as diferenças culturais e lingüísticas, as especificidades dos diferentes tipos de contato, a resistência adaptativa, as novas formas sociais que se formaram, o atual crescimento demográfico, os seus modos de vida hoje, enfim as sociedades indígenas, de um modo geral, são desconsideradas, dando espaço para construções omissas, simplificadoras e estilizadas desses povos.

Para a autora, os livros didáticos reproduzem um discurso que mostra o índio a partir de uma visão mais do colonizador português e de caráter simplório.

Quase todos os livros privilegiam os mesmos aspectos das sociedades indígenas. Assim, os índios foram cordiais com os europeus nos primeiros contatos, trabalharam na extração do pau-brasil em troca de “bugigangas”, passaram por um processo de “aculturação” e, por fim, desapareceram ou são moradores de reservas e vivem em uma realidade difícil. Dessa forma, na cultura escolar, quase nada sabemos sobre os seus modos de vida, as suas concepções de mundo, as relações de guerra e aliança, os seus sistemas de parentesco, a

complexidade da vida ritualística ou a dinâmica cultural das sociedades indígenas contemporâneas. (MARIANO, 2006, p. 91-92)

Dentro desse contexto, onde nos próprios materiais utilizados na educação os índios são suprimidos a coadjuvantes da história brasileira, trabalhos como a revista analisada em questão se tornam importantes por porem os indígenas como protagonistas de suas histórias, levando ao público noções sobre sua vivencia excluídas de outros ambitos do conhecimento contemporâneo. Assim, Itabira: inimigos e amantes se torna uma boa introdução à cultura indígena, como uma faísca impulsionadora a busca de mais conhecimentos sobre os índios, tanto tabajaras quanto potiguaras

Apesar de ser a proposta do nosso objeto analisado, percebemos a partir da busca de um corpus de análise o quanto as histórias em quadrinhos nacionais se prendem a uma cômoda representação cristalizada da figura do índio. É necessário nas produções quadrinistas um avanço em relação à criatividade, ousadia e procura de novas visões acerca do universo indígena, que ampliem as discussões, o conhecimento e reflexão sobre um povo que de nativos de nosso país são muitas vezes postos quase como sombras escondidas em cantos de paredes históricas.

Em relação ao nosso Estado, Paraíba, vemos com tristeza o esvaziamento de trabalhos que toquem esse universo em suas amplas possibilidades, muito menos tratando dos conflitos e interesses envoltos a sua relação com o *homem branco*, os governantes e sua imagem perante nossa sociedade.

As histórias em quadrinhos se constituem em um importante espaço de trabalho e desconstrução de padrões formados ao longo do tempo, e, apesar de não ser a proposta do objeto analisado, Itabira – inimigos e amantes passa ao largo dessa desconstrução ou problematização. Nosso protagonista é posto como herói, forte, seguidor das tradições, em contrapartida a uma índia apaixonada, sexualizada, e com único interesse estar com seu homem amado. Sabemos que as tradições indígenas brasileiras são claramente ligadas ao machismo e idolatria do *grande caçador*, e compreendemos que provavelmente não era o intuito desde principio da proposta do quadrinho e seus autor,.contudo, acreditamos que seria interessante para uma publicação nos anos 2000 buscar trabalhar de forma mais igualitária seus personagens e discussões dentro do seu conteúdo.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE. José Ribamar Bessa. **Mídia olha os índios do século XXI, mas não os vê**. Blog da Amazônia: 2012. Disponível em:
<http://terramagazine.terra.com.br/blogdaamazonia/blog/2012/05/28/midia-olha-os-indios-do-seculo-xxi-mas-nao-os-ve/>. Acesso em: 19 de março de 2012.

GUIMARÃES, Edgard. **Linguagem e metalinguagem na história em quadrinhos**. XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. Setembro de 2002. Disponível em:
http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19045/1/2002_NP16GUIMARAES.pdf. Acesso em: 15 de Março de 2012:

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **A representação sobre os índios nos livros didáticos de história do Brasil**. 2006. Disponível em:
<http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert06/Nayana%20Rodrigues/A%20REPRESENTA%C7%C3O%20SOBRE%20OS%20CDNDIOS.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2012.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Muito Além dos Quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte**. São Paulo: Devir, 2009.

SANTOS, Roberto Elísio dos; NETO, Elydio dos Santos. **Narrativas gráficas como expressões do ser humano**. Revista Trama Interdisciplinar, v. 1, n. 2 (2010). Disponível em:
<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tint/article/view/3113/2613>. Acesso em: 19 de março de 2012.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SIMM, Verônica; BONIN, Lara Tatiana. **Imagens da vida indígena: uma análise de ilustrações em livros de literatura infantil contemporânea**. Revista Historiador, n. 4. ano 4, 2011. Disponível em:
<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/quatro/veronicas.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2012.

VIEIRA, Marcos. **Corpo, identidade e poder nos quadrinhos de super-heróis: um estudo de representações**. Rio de Janeiro: 2008. Contemporânea, Vol. 6, nº 03. Disponível em:
www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/14_MarcosVIEIRA_IISeminarioPPGCOM.pdf. Acesso em: 15 de Março de 2012: